

CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS

Camila Fernanda Viana Alvim Drummond

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II:

Neoliberalismo e a captura da subjetividade: uma análise da série “Ruptura”

Belo Horizonte/MG

2026

CAMILA FERNANDA VIANA ALVIM DRUMMOND

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II:

Neoliberalismo e a captura da subjetividade: uma análise da série “Ruptura”

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado no Curso de Graduação em Administração no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Administração.

Orientadora: Raquel de Oliveira Barreto.

BELO HORIZONTE/MG

2026

D795t	Drummond, Camila Fernanda Viana Alvim Trabalho de conclusão de curso II: neoliberalismo e a captura da subjetividade: uma análise da série “Ruptura” / Camila Fernanda Viana Alvim Drummond. – 2026. 49 f. Trabalho de conclusão de curso apresentado no curso de graduação do Programa de Graduação em Administração do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Orientadora: Raquel de Oliveira Barreto. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Departamento de Ciências Sociais Aplicadas. 1. Neoliberalismo – Teses. 2. Subjetividade – Teses. 3. Trabalho – Teses. 4. Severance (Programa de televisão) – Análise – Teses. 5. Gestão – Estudo e ensino – Teses. I. Barreto, Raquel de Oliveira. II. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. III. Título. CDD 302.2345
-------	--

Elaboração da ficha catalográfica pela bibliotecária Jane Marangon Duarte, CRB 6ª 1592 / Cefet/MG



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS
GERAIS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - NG



ATA Nº 17 / 2026 - DCSA (11.56.04)

Nº do Protocolo: 23062.032358/2026-10

Belo Horizonte-MG, 23 de junho de 2026.

ATA DE DEFESA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

No dia **16/06/2026**, às **15** horas, em sala virtual da plataforma "Conferência Web" – Rede Nacional de Pesquisa (<https://conferenciaweb.rnp.br/>), reuniram-se os professores **Raquel de Oliveira Barreto** (Orientadora e Presidente da Banca), **Luana Jéssica Oliveira Carmo** (Membro I) e **Rossi Henrique Soares Chaves** (Membro II), para participarem da banca de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "Neoliberalismo e a captura da subjetividade: uma análise da série "Ruptura"" de autoria do(a) aluno(a) Camila Fernanda Viana Alvim Drummond, como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II. Após a apresentação do trabalho, o(a) aluno(a) foi arguido(a) pelos membros da banca. A banca de avaliação reuniu-se para deliberar e, considerando que o trabalho atende aos requisitos técnicos e acadêmicos, o(a) aluno(a) foi considerado(a) aprovado(a). Nada mais havendo a tratar, o(a) Presidente da Banca declarou encerrada a sessão. Para constar, foi lavrada esta ata que será assinada pelo Presidente e demais membros da Banca Examinadora.

Banca Examinadora:

(Assinado digitalmente em 23/06/2026 15:11)
LUANA JESSICA OLIVEIRA CARMO
PROF ENS BAS TEC TECNOLOGICO-SUBSTITUTO
DCSA (11.56.04)
Matricula: 3529741

(Assinado digitalmente em 23/06/2026 11:25)
RAQUEL DE OLIVEIRA BARRETO
PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO
DCSA (11.56.04)
Matricula: 1078561

(Assinado digitalmente em 23/06/2026 16:23)
ROSSI HENRIQUE SOARES CHAVES
ASSINANTE EXTERNO
CPF: ###.###.246-##

Visualize o documento original em <https://sig.cefetmg.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **17**, ano: **2026**, tipo: **ATA**, data de emissão: **23/06/2026** e o código de verificação: **31b3513a61**

RESUMO

O presente trabalho analisa a relação entre o neoliberalismo e a captura da subjetividade através da série “Ruptura” (*Severance*), focando estritamente em sua primeira temporada. A obra retrata um cenário futurista no qual colaboradores da Lumon Industries submetem-se ao procedimento cirúrgico de “ruptura”, que segrega as memórias profissionais das memórias da vida pessoal. O estudo investiga como esse dispositivo de controle corporativo contribui para a retirada do sentido do trabalho e a fragmentação da identidade individual. A partir de uma análise qualitativa da narrativa, o trabalho discute como a busca pela produtividade máxima, característica da lógica neoliberal, sobrepõe-se à integridade psíquica dos sujeitos, transformando a vida laboral em um processo de alienação. Por meio do referencial teórico que articula gestão, sofrimento psíquico e subjetividade contemporânea, a pesquisa demonstra que a cisão entre esferas da vida não constitui um equilíbrio, mas sim uma ferramenta de controle extremo que expõe as vulnerabilidades da condição humana sob o capitalismo performático. A análise conclui que a série funciona como um espelho crítico das tensões do mundo corporativo atual, evidenciando o impacto da submissão total dos indivíduos aos interesses organizacionais.

Palavras-chave: Neoliberalismo. Subjetividade. Trabalho. Ruptura. Gestão.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
1.1. Contextualização do tema	7
1.2. Justificativa	9
2. OBJETIVOS	11
2.1. Objetivo geral	11
2.2. Objetivos específicos	11
3. REFERENCIAL TEÓRICO	12
3.1. Relações de trabalho	12
3.2. Neoliberalismo e a subjetividade neoliberal	15
3.3. Neoliberalismo e a precarização do trabalho.....	18
3.4. O uso de filmes em ensino e pesquisa na Administração	20
4. METODOLOGIA.....	23
4.1. Análise Temática versus Análise Narrativa	23
4.2. Procedimentos de Coleta e Análise.....	24
4.3. Declaração de uso de IA.....	26
5. ANÁLISE DE DADOS	27
5.1.Contextualização do objeto de estudo: A Série “Ruptura”.....	27
5.2 Notas sobre a série na mídia: reflexo do mercado de trabalho atual?.....	30
5.3 O Cenário como Dispositivo de Controle.....	31
5.4 Subenredos dos Personagens.....	32
5.4.1 Mark Scout (Mark S.) - Interpretado por Adam Scott.....	32
5.4.2 Helly R. - Interpretada por Britt Lower.....	33
5.4.3 Harmony Cobel (Sra. Selvig) - Interpretada por Patricia Arquette.....	34
5.4.4 Irving B. - Interpretado por John Turturro.....	35
5.4.5 Dylan G. - Interpretado por Zach Cherry	36
5.5. SELEÇÃO E ANÁLISE DE CENAS EMBLEMÁTICAS	37
5.5.1 Cena 1: A Sociedade do Desempenho e a Captura do Sentido (A Domesticação dos Números).....	37
5.5.2 Cena 2: As Relações de Trabalho e a Desumanização do Sujeito (O Encontro com Cobel no Episódio 6)	39
5.5.3 Cena 3: A Exaustão Psíquica e o Ponto Crítico da Captura (A Tentativa de Suicídio no Elevador)	40
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS	45

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Fluxograma contendo as etapas da metodologia	25
Figura 02: Setor das Indústrias Lumon	27
Figura 03: Caracterização do personagem Harmony Cobel	28
Figura 04: Caracterização do personagem Mark Scout	28
Figura 05: Caracterização da personagem Helly R	29
Figura 06: Estética do escritório do RMD e funcionários do Departamento	31
Figura 07: Mark Scout no elevador da Lumon	32
Figura 08: Helly R. durante tentativa de fuga	33
Figura 09: Harmony Cobel dentro da Lumon	34
Figura 10: Irving B. dentro do escritório da Lumon	35
Figura 11: Dylan dentro do escritório da Lumon	36
Figura 12: Helly R. dentro do escritório da Lumon	38
Figura 13: Mark S. e Harmony Cobel dentro do escritório da Lumon	39
Figura 14: Helly R. entrando no elevador antes de tentar cometer suicídio	40

1. INTRODUÇÃO

1.1. Contextualização do tema

O trabalho constitui uma parte importante da vida dos indivíduos. Pode-se dizer que se passa mais tempo com colegas de trabalho do que com a própria família e que, quando questionados sobre si, os indivíduos tendem a apresentar-se falando de suas ocupações, como se elas os definissem. Para Morin (2001, p. 7), o trabalho é compreendido pelos indivíduos como “[...] uma atividade remunerada, que apresenta um valor agregado, que lhes permite melhorar e que traz uma contribuição para a sociedade”. Ainda que se questione sobre as modificações no mundo do trabalho e até mesmo se cogite o fim da classe operária (OFFE, 1989; GORZ,), há autores que permanecem na defesa de sua posição de centralidade, entretanto, sob novas roupagens, formatos e mecanismos.

Uma das discussões que rodeiam as novas formas de trabalho no mundo contemporâneo refere-se à ideia de que estamos vivendo uma sociedade da performance (HAN, 2017). Tal perspectiva refere-se ao contexto neoliberal, que sustenta uma cultura de hiper produtividade que leva à exaustão emocional. Segundo dados do Ministério da Previdência Social, em 2024 foram registrados quase meio milhão de afastamentos relacionados à saúde mental dos trabalhadores. Em comparação com o ano de 2023, houve um aumento significativo de 68% no número de casos. Os principais motivos para esses afastamentos por transtornos mentais foram: ansiedade (141.414 ocorrências), depressão (113.604), depressão recorrente (52.627), transtorno bipolar (51.314), vício em drogas (21.498) e reações a stress grave e transtornos de adaptação (20.873), entre outras causas. É crucial ressaltar que esses dados se referem ao número de afastamentos, e não ao número de trabalhadores, visto que um mesmo profissional pode solicitar mais de uma licença médica no decorrer do ano.

De todo modo, essa elevação alarmante de afastamentos por questões de saúde mental não apenas revela a fragilidade do bem-estar dos trabalhadores, mas também sinaliza um grave sintoma das pressões exercidas pelo contexto atual sobre a força de trabalho (HAN, 2017; MAESO; SIVIERO, 2024). Essa realidade é ainda mais preocupante quando se leva em consideração a centralidade que o trabalho ocupa na vida e na identidade dos indivíduos. Segundo Dutra, Costa e Sampaio (2016, p.99), “[...] o trabalho em condições desfavoráveis causa danos e expõe o trabalhador

a doenças profissionais, insatisfação no trabalho e restrições na qualidade de vida”. Desse modo, o trabalho se torna alvo da perspectiva neoliberal, que o instrumentaliza para moldar a subjetividade humana.

A perspectiva neoliberal vai além de um modelo econômico, configurando-se como uma engenharia social que intervém na estrutura psíquica dos indivíduos para despolitizar a sociedade e enfraquecer questionamentos à lógica de mercado (SAFATLE; JUNIOR; DUNKER, 2022). Essa atuação molda a subjetividade, transformando o indivíduo em um “operador de performance” que internaliza valores como competição e responsabilidade individual (SAFATLE; JUNIOR; DUNKER, 2022; SOUZA, 2023). A concorrência incessante e a busca por superação, mesmo contra si, culminam na proliferação de patologias psíquicas, como burnout, ansiedade e depressão, evidenciando a individualização do sofrimento nesse sistema (SOUZA, 2023; GALHARDO, 2020).

É nesse contexto de evolução do controle e da influência do trabalho sobre a totalidade do indivíduo que se insere a série de televisão “Ruptura” (Severance), uma aclamada obra de suspense psicológico e ficção científica, criada por Dan Erickson e dirigida, em sua maior parte, por Ben Stiller. Lançada em 2022 pela Apple TV+, a narrativa se ambienta em um futuro próximo, onde a empresa Lumon Industries oferece um procedimento cirúrgico que dissocia as memórias dos colaboradores em duas personas distintas: o “interno”, restrito ao ambiente de trabalho, e o “externo”, que vive fora da empresa sem lembranças de suas atividades laborais. Embora a justificativa corporativa para tal intervenção seja a maximização da produtividade pela eliminação de distrações pessoais, essa premissa dramatiza de maneira literal e extrema a intensificação do controle sobre a subjetividade do trabalhador. Diante disso, como os processos de captura da subjetividade do trabalhador no contexto neoliberal são representados na série “Ruptura”?

Vale pontuar que, embora a série Ruptura já tenha avançado para uma segunda temporada, este trabalho foca exclusivamente na primeira temporada da obra. A escolha por esse recorte temporal ocorre pois a densidade narrativa e o desenvolvimento dos personagens nos primeiros nove episódios já trazem elementos mais do que suficientes para que os conceitos neoliberais sejam articulados.

Sobre a série em si, ela se passa em um futuro próximo onde a ‘ruptura’ (o procedimento cirúrgico que separa as memórias do trabalho e da vida pessoal) funciona como um verdadeiro mecanismo de controle corporativo. A trama vai muito

além de um escritório comum; ela mostra como a empresa, a Lumon Industries, praticamente domina a existência dos funcionários. Ao acompanhar a jornada do Mark, da Helly e dos outros personagens, nota-se que a separação entre vida profissional e pessoal, que pode parecer uma solução para o estresse no início, na verdade atua como uma ferramenta de alienação. A série mostra, de forma bem literal, como o esvaziamento do sentido do trabalho coloca a produtividade acima da saúde mental, o que abre margem para se discutir a fundo essa captura da subjetividade no decorrer do trabalho.

1.2. Justificativa

O número de afastamentos do trabalho devido a doenças mentais tem se tornado um tema tão relevante na atualidade que o Ministério do Trabalho e Emprego determinou que as empresas brasileiras terão que incluir a avaliação de riscos psicossociais, como estresse, assédio e carga mental excessiva na gestão de segurança e saúde no trabalho a partir de maio de 2026 (TRIBUNAL REGIONAL DO TRABALHO DA 4ª REGIÃO, 2024).

De acordo com a Organização Mundial da Saúde e a Organização Internacional do Trabalho (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2022), altas demandas de trabalho, baixa autonomia para tomar decisões e funções pouco claras são caracterizadas como questões nocivas para a saúde do trabalhador. Tais fatores podem contribuir para o estresse laboral e fazer com que o risco de exaustão, esgotamento, ansiedade e depressão aumentem significativamente.

Nas relações de trabalho contemporâneas, os gestores organizacionais esperam que os trabalhadores compartimentem suas esferas profissional e pessoal, evitando que problemas da vida privada afetem a produtividade (CAVAZOTTE; LEMOS; VIANA, 2010). No entanto, essa separação total é inatingível, dada a indissociabilidade inerente à experiência humana. Partindo dessa premissa, o presente trabalho propõe-se a refletir sobre as relações de trabalho no contexto neoliberal, utilizando a série “Ruptura” como objeto de análise. A relevância dessa abordagem reside na representação literal da captura da subjetividade do trabalhador, onde não apenas a força de trabalho é demandada, mas a própria identidade do indivíduo é explorada e instrumentalizada para otimizar a produtividade.

Adicionalmente, essa reflexão permite explorar os impactos psicossociais resultantes da dissociação radical do indivíduo, dialogando com debates atuais na área de Gestão de Pessoas que abordam a sociedade do desempenho, a exaustão psíquica e o sofrimento no trabalho quando há ausência de sentido na atividade. Embora a análise parta de um recurso ficcional, ela ilumina tendências presentes nas relações de trabalho contemporâneas sob o neoliberalismo, oferecendo uma perspectiva crítica sobre essas dinâmicas.

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo geral

Analisar como os processos de captura da subjetividade do trabalhador no contexto neoliberal são representados na série “Ruptura”.

2.2. Objetivos específicos

- Identificar as representações das relações de trabalho contemporâneas no contexto neoliberal presentes na série “Ruptura”.
- Analisar como a série "Ruptura" ilustra o conceito de captura da subjetividade do trabalhador.
- Discutir os impactos psicossociais da compartimentação radical entre vida profissional e pessoal, conforme retratado na série.
- Estabelecer paralelos entre situações representadas na série "Ruptura" e as teorias de gestão de pessoas relacionadas ao neoliberalismo, à sociedade do desempenho e à exaustão psíquica.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1. Relações de trabalho

As relações de trabalho, presentes desde as primeiras organizações sociais, passaram por diversas transformações ao longo da história. Para os gregos antigos, conforme destaca Arendt (2002), as atividades da *vita activa* eram diferenciadas em três categorias: o labor (relacionado à necessidade), o trabalho (vinculado à utilidade)

e a ação (entendida como exteriorização). Aqueles que se encontravam na condição de labor eram escravos. Para a autora, “a instituição da escravidão na antiguidade não foi uma forma de obter mão de obra barata nem instrumento de exploração para fins de lucro, **mas sim a tentativa de excluir o labor das condições de vida humana**” (ARENDT, 2002, p. 95, grifo nosso). Na escravidão, os indivíduos eram privados de sua liberdade e de quaisquer direitos, tornando-se alvos de dominação e exploração por parte de seus senhores.

A Idade Média, por sua vez, foi marcada pelo feudalismo, um sistema socioeconômico e político cuja base era agrária, com a produção limitada ao necessário para a subsistência nos feudos. A sociedade feudal dividia-se, principalmente, entre a nobreza, constituída pelos senhores feudais, cavaleiros e suas famílias, que detinha a posse dos feudos e exercia o poder militar e jurisdicional sobre suas propriedades e sobre os camponeses nelas residentes (BLOCH, 1987); o clero, composto por membros da Igreja Católica, detentores de grande poder espiritual, político e econômico (DUBY, 1978); e os servos, que ofereciam sua mão de obra e subordinação em troca de proteção e moradia (BLOCH, 1987). De acordo com o autor, os servos estavam presos à terra e não podiam deixá-lo sem a prévia autorização de seus senhores, e seus próprios filhos herdavam essa condição.

O declínio do feudalismo marcou a transição da Idade Média para a Idade Moderna na Europa Ocidental teve como principais motivadores o renascimento do comércio e o aumento crescente dos ambientes urbanizados. “As cidades constituem um fator decisivo na dissolução das estruturas feudais, pois sua própria existência e o florescimento do comércio que propiciam põem em xeque a autossuficiência dos domínios senhoriais” (DUBY, 1987, p. 301). Além disso, a Grande Fome do início do século XIV, a qual foi resultado de crescimento populacional e consequente esgotamento do solo, intensificado pelas alterações climáticas, também foi um fator decisivo: “No início do século XIV, as fomes tornaram-se mais frequentes e severas, revelando a incapacidade do sistema agrário medieval de sustentar uma população em crescimento constante, um sinal de suas limitações intrínsecas.” (LE GOFF, 1984, p. 250).

Outro fato histórico importante foi a Peste Negra (1347-1351): pandemia que dizimou, estimativamente, um terço a metade da população europeia, o que representou uma perda massiva de mão de obra rural, desorganizando a economia feudal e enfraquecendo significativamente o poder dos senhores feudais (BLOCH,

1987). Diante desse cenário, a nobreza aumentou as obrigações dos servos sobreviventes para compensar a perda da mão de obra, o que gerou revoltas camponesas, como a Jacquerie na França (1358) e a Revolta dos Camponeses na Inglaterra (1381). Apesar de terem sido reprimidas violentamente pelos senhores, esses movimentos expuseram a fragilidade do sistema feudal e a crescente insatisfação da população com as condições de exploração (DUBY, 1980).

A organização do comércio deu lugar a uma nova classe social, denominada burguesia. Esse grupo teve forte influência no processo de industrialização e, consequentemente, pode ser entendido como precursor das raízes do sistema capitalista, de acordo com Scandelai (2010). No entanto, essa transição para a modernidade econômica não ocorreu sem custos sociais. No princípio do século XVIII, a agricultura passou por processos de modernização, o que levou trabalhadores de zonas rurais a migrarem para as cidades em busca de trabalho. No entanto, as condições encontradas no ambiente de trabalho por esses indivíduos eram precárias e insalubres:

[...] labutavam em turnos diários de 12 a 16 horas, ampliando para até 18 horas quando a iluminação a gás tornou-se disponível. O salário dos aprendizes era em geral a metade do que se pagava aos operários, o das mulheres a quarta parte. (QUINTANEIRO; BARBOSA; OLIVEIRA, 2002, p.11).

A Revolução Industrial trouxe consigo uma reconfiguração radical das condições de trabalho e do convívio social. Nesse novo panorama, o tempo assumiu um valor intrinsecamente ligado ao ganho de capital, como observa Scandelai (2010). Contudo, essa valorização do tempo produtivo resultou diretamente na diminuição do tempo de lazer e convívio familiar e social dos trabalhadores. Em meio ao alvorecer da Revolução Industrial, as primeiras características do sistema capitalista se tornaram evidentes: “o capitalismo vincula-se à racionalização na vida prática” (QUINTANEIRO; BARBOSA; OLIVEIRA, 2002, p.141). Nesse sistema, a subsistência do trabalhador tornou-se diretamente dependente da venda de sua mão de obra em troca de um salário (SCANDELA, 2010).

A otimização da produtividade fabril foi o cerne do Taylorismo, desenvolvido por Frederick Winslow Taylor no final do século XIX e início do século XX. Sua premissa fundamentava-se no estudo científico do trabalho, defendendo a divisão de

tarefas e a padronização de métodos e tempos de execução. Contudo, essa abordagem resultou em uma crescente alienação do trabalhador (GRAMSCI, 2007).

Em seguida, o Fordismo, idealizado por Henry Ford em meados do século XX, revolucionou a produção com a introdução da linha de montagem, consolidando a produção em massa. Nesse sistema, o trabalhador tornava-se novamente especializado em uma etapa fragmentada do processo, aprofundando sua alienação. Mais do que isso, o controle exercido pelo empregador transcendia o ambiente fabril, estendendo-se à vida pessoal dos trabalhadores. A empresa monitorava suas vidas e hábitos para garantir produtividade e disciplina:

A regulação fordista da vida cotidiana estendia-se para além do local de trabalho, influenciando o planejamento urbano, a construção de moradias, os padrões de consumo e até mesmo a estrutura familiar, tudo para garantir a reprodução eficiente da força de trabalho e a absorção da produção de massa. (HARVEY, 2013, p. 197).

No início da década de 1980, o Japão deu origem ao Toyotismo, um novo paradigma produtivo que introduziu tecnologias avançadas e, de forma distinta do Taylorismo e do Fordismo, apostou na capacitação multifuncional dos funcionários. Essa abordagem apostava não só em um controle físico, que é mais perceptível, mas também psicológico e emocional: “A ideologia toyotista que domina a fase de mundialização do capital ‘exige uma forma mais desenvolvida de “captura” da subjetividade da força de trabalho e do trabalho vivo’ [...] ‘um novo consentimento à produção de mercadorias’.” (ALVES, 2008 p. 10-11).

A intensificação do controle sobre a subjetividade e a demanda por maior adaptabilidade do trabalhador, promovidos pelo Toyotismo, encontraram um terreno fértil nas políticas de desregulamentação e valorização do mercado que caracterizam o neoliberalismo. Semelhante ao liberalismo clássico, o neoliberalismo prega a igualdade de direitos para todos e a intervenção mínima do Estado sobre a economia (SCANDELA, 2010). Conforme Alves (2007), o trabalhador, nesse contexto, é compelido a ser proativo e “empreendedor de si”, caracterizando-se pela flexibilidade e multifuncionalidade, em uma busca contínua por novas qualificações. Essa postura reflete a internalização da lógica competitiva e da performance individual como exigências fundamentais para a sobrevivência profissional. As características dessa doutrina levam a uma intensa precarização, impactando não apenas os modos de trabalhar, mas também os modos de viver de uma maneira geral:

O trabalho vivo, em suas novas formas de ser, é levado à exaustão, tanto física quanto mental, em busca de uma produtividade e flexibilidade que nunca parecem ser suficientes para o capital. A intensificação do trabalho atinge a subjetividade e o tempo de vida do trabalhador. (ANTUNES, 2009, p. 132).

3.2. Neoliberalismo e a subjetividade neoliberal

O neoliberalismo, conforme apontado por Safatle, Junior e Dunker (2022), difere significativamente do liberalismo clássico. Essa ideologia defende intervenções estatais diretas que vão além da economia, alcançando “[...] a configuração dos conflitos sociais e a estrutura psíquica dos indivíduos” (SAFATLE; JUNIOR; DUNKER, 2022, n.p.). O principal propósito dessas intervenções, segundo os autores, reside em “[...] retirar toda a pressão de instâncias, associações, instituições e sindicatos que visassem questionar tal noção de liberdade a partir da consciência da natureza fundadora da luta de classe.” (SAFATLE; JUNIOR; DUNKER, 2022, n.p.). Em síntese, no modelo neoliberal, a própria abertura de mercado é intrinsecamente dependente da ação estatal.

Conforme os autores, o empreendedorismo e a livre-iniciativa representam a forma de liberdade almejada pelo modelo neoliberal. Para que essa liberdade seja plenamente alcançada, o Estado deveria empenhar-se em despolitizar a sociedade, buscando minimizar questionamentos políticos e, conseqüentemente, enfraquecer as organizações sociais que desafiam a hegemonia da lógica de mercado.

Ademais, o modelo liberal possui como foco não apenas gerenciar conflitos, mas também eliminar a própria lógica ou a forma como o conflito é percebido e articulado na sociedade: “Ou seja, tratava-se de passar do social ao psíquico e levar sujeitos a não se verem mais como portadores e mobilizadores de conflitos estruturais, mas como operadores de performance, otimizadores de marcadores não problematizados.” (SAFATLE; JUNIOR; DUNKER, 2022, n.p.). Dessa forma, o processo neoliberal e seus articuladores agem de modo a mudar a forma como as pessoas se veem e interpretam a própria realidade.

Segundo os autores, para que essa troca fosse possível, seria imperativa a internalização disciplinar de pressupostos morais. Em outras palavras, os valores do neoliberalismo – como competição, meritocracia e responsabilidade individual –

deveriam ser internalizados pelos indivíduos como verdades morais, servindo, assim, como verdadeiros guias em sua incessante busca por desempenho. Portanto, é possível afirmar que as intervenções neoliberais atuam em dois níveis distintos: o social, por meio da despolitização, e o psíquico, através da moldagem da subjetividade individual. Historicamente, a concretização dessa intervenção, especialmente no nível psíquico, encontrou na Psiquiatria um poderoso instrumento.

De acordo com Safatle, Junior e Dunker (2022), o Estado buscava meios de punir certos grupos de civis, os quais não eram considerados aptos para o trabalho, por meio de um discurso socialmente aceitável, em meio às revoltas burguesas e à Revolução Francesa (1789-1799). Para os autores, a Psiquiatria desempenha um papel importante frente a essa necessidade, atuando como uma ferramenta de controle social. Dessa maneira, desde o princípio há “uma complexa relação se estabelece entre o sofrimento psíquico como objeto legitimador da disciplina psiquiátrica e sua gestão a serviço da economia” (SAFATLE; JUNIOR; DUNKER, 2022, n.p.).

Segundo Safatle, Junior e Dunker (2022), a partir de 1970, a psiquiatria passou por uma significativa transformação em seus métodos de pesquisa, fundamentos de conhecimento e nos próprios objetos de estudo. A mudança mais marcante reside no fato de que a disciplina, outrora uma ferramenta exclusiva para o tratamento de doenças, evoluiu para ser empregada no “aprimoramento” ou “otimização” de indivíduos. Essa nova função, por sua vez, alinha-se integralmente à lógica do lucro e da economia. Tal desenvolvimento ocorre em concomitância com as transformações oriundas do neoliberalismo, contexto responsável por reinterpretar e organizar todos os processos sociais e as experiências subjetivas, incluindo pensamentos, sentimentos e comportamentos, conforme uma “sintaxe de maximização de lucros”.

Os autores apontam que, no contexto neoliberal, o sofrimento psíquico não é mais visto apenas como um “problema” a ser resolvido para o restabelecimento da saúde. Pelo contrário, ele se manifesta como “gozo”, um “empuxo ao excesso”, sendo inclusive incentivado, agindo como uma força motriz que impele o indivíduo a ser cada vez mais produtivo e a consumir incessantemente, ainda que isso resulte em dor e esgotamento. Essa dinâmica estabelece um ciclo vicioso de performance e satisfação paradoxal, que se reforça a lógica de maximização de lucros do neoliberalismo.

Dessa forma, os autores apontam que condições diretamente ligadas ao contexto neoliberal, como a dissolução dos limites entre vida doméstica e trabalho e

a solidão, são as principais causas de novas formas de sofrimento psíquico, demandando intervenção psiquiátrica. Adicionalmente, diversos estudos citados pelos autores associam transtornos psiquiátricos a fatores intrínsecos à vida em sociedade e à gestão estatal, incluindo emprego, saneamento básico, moradia e jornada de trabalho, entre outros. Assim, o fim da era do *Welfare State* e de suas políticas de promoção de bem-estar social, que cederam espaço às políticas neoliberais, pode ser associado ao considerável aumento de transtornos mentais observado nas últimas décadas (SAFATLE; JUNIOR; DUNKER, 2022).

Para mais, os autores mencionam que a psiquiatria, influenciada por redes de financiamento e interesses de mercado – especialmente a indústria farmacêutica –, assume a função de produzir ou validar patologias que, por sua vez, demandam o consumo de psicofármacos. Tal dinâmica ocorre de forma que os índices de produtividade não sejam jamais afetados. Afinal, quando uma engrenagem do sistema apresenta algum problema, ela deve ser lubrificada para garantir o seu pleno funcionamento.

3.3. Neoliberalismo e a precarização do trabalho

De acordo com Antunes (2008), o capitalismo alterou a percepção do trabalho, atribuindo-lhe sentidos duplos: “[...] ao mesmo tempo cria e subordina, emancipa e aliena, humaniza e degrada, oferece autonomia, mas gera sujeição, libera e escraviza [...]” (p. 4). Segundo o autor, a partir de 1970, com o advento do modelo neoliberal, observa-se uma tendência global que redesenha não apenas novas modalidades de trabalho, mas também reconfigura algumas já conhecidas – como o trabalho precário – com o objetivo de recuperar os tempos de dominação política, econômica e ideológica da burguesia.

A partir de então, conforme o autor, conceitos como “empresa enxuta”, “empreendedorismo”, “cooperativismo” e “trabalho voluntário” tornaram-se recorrentes na economia, podendo ser empregados para exemplificar as diversas facetas do trabalho precarizado. Nesse contexto, para Souza (2023), o modelo

neoliberal capturou esplendidamente o desejo dos indivíduos, e essa captura do desejo constitui um elemento essencial para a compreensão da subjetividade neoliberal.

Segundo Souza (2023), a lógica da concorrência é um dos elementos essenciais para compreender a relação da subjetividade com o empreendedorismo e a concorrência intrapessoal. Essa lógica prevê que “os indivíduos devem se assemelhar com empresas e estarem em permanente competição entre si, mesmo quando não estão no ambiente profissional.” (SOUZA, 2023, p. 5). Ademais, para o autor, essa concorrência não se limita à relação com outras pessoas, mas estende-se a uma disputa consigo mesmo, de modo que o indivíduo deve superar-se constantemente. O autor também ressalta que, embora nem todos os indivíduos se insiram passivamente no contexto neoliberal, o fato de diversas entidades – como a mídia, a família, a política e as empresas, entre outras – serem adeptas dessa ideologia amplifica a pressão sobre eles.

De acordo com Souza (2023), a ideologia neoliberal foi bem-sucedida não apenas na implementação de reformas jurídicas que facilitaram e fortaleceram a flexibilização das relações de trabalho, mas também em entranhar-se no imaginário da população, tendo em vista que grande parte dela crê que direitos trabalhistas são prejudiciais aos trabalhadores, pois diminuem sua liberdade de escolha. Nesse cenário, a precarização do trabalho passou a ser vista como sinônimo de modernização.

Outro forte exemplo de precarização é o “empreendedorismo”, que também se configura pela crescente perda de direitos e garantias sociais, sem qualquer garantia de continuidade (ANTUNES, 2023). Para o autor, a precarização, muitas vezes erroneamente compreendida como “flexibilização”, manifesta-se de diversas formas, dentre as quais: salarial, de horário, funcional ou organizativa. Dessa forma, as organizações se munem dessa “liberdade” para:

[...] desempregar trabalhadores; sem penalidades, quando a produção e as vendas diminuem; liberdade, sempre para a empresa, para reduzir o horário de trabalho ou de recorrer a mais horas de trabalho; possibilidade de pagar salários reais mais baixos do que a paridade de trabalho exige; possibilidade de subdividir a jornada de trabalho em dia e semana segundo as conveniências das empresas, mudando os horários e as características do trabalho (por turno, por escala, em tempo parcial, horário flexível etc.), dentre tantas outras formas de precarização da força de trabalho. (ANTUNES, 2008, p. 6 e 7)

No entanto, a precariedade constitui uma parte inerente do *ethos* dominante do capitalismo neoliberal contemporâneo. Dessa forma, ela se apresenta como um modo de pensar, sentir e agir e, portanto, participa da constituição da subjetividade hegemônica (LAVAL, 2017).

Nesse modo de vida, o trabalhador é constantemente cobrado a cumprir metas, o que implica no aumento da intensidade e da produtividade do trabalho. As corporações, por sua vez, não impõem limites à jornada de trabalho nem ao ritmo de produção do trabalhador com o objetivo de preservar sua identidade e saúde (GALHARDO, 2020). Na verdade, para a autora, as organizações utilizam-se do assédio moral como forma de estimular a produtividade e, conseqüentemente, aumentar o acúmulo de capital. Segundo Galhardo (2020, p. 6), “O assédio moral é constituído por procedimentos repetidos que têm como efeito uma degradação das condições de trabalho do indivíduo capaz de sofrer injúrias à sua dignidade, de alterar sua saúde física ou mental e comprometer seu futuro profissional.”.

Outro fator determinante é a busca interminável por reconhecimento, visto que este carrega a promessa de melhores condições de vida para o indivíduo. Afinal, o aumento de sua notoriedade dentro da organização o dota de um certo poder e benefícios remuneratórios. Portanto, o trabalhador teme perder essas gratificações caso não esteja à altura das expectativas da empresa ou do mercado de trabalho, o que leva a um sentimento de angústia e a uma forte obsessão pelo trabalho (GALHARDO, 2020).

Destarte, o indivíduo se vê sozinho em uma busca constante pelo sucesso, tanto em relação a si próprio quanto em relação ao outro; desamparado pelo Estado, que apenas busca ferramentas para continuar a explorá-lo; e exausto por ter que ser produtivo a todo momento, independentemente de aspectos de sua vida particular, sob pena de punição. Diante desses aspectos, o trabalhador fica estressado, o que é um propulsor de patologias psíquicas e pode provocar sofrimentos psicoemocionais, como angústia, depressão, e perturbações de sono e da sexualidade (GALHARDO, 2020). Entretanto, a banalização do estresse faz parte do cotidiano das organizações, de modo que a responsabilidade por gerenciá-lo recai exclusivamente sobre o próprio trabalhador (FLACH et al., 2009).

3.4. O uso de filmes em ensino e pesquisa na Administração

Além de ser um meio de entretenimento, difusão cultural e reflexão, o cinema é também um importante recurso de aprendizagem. Considerado um meio de comunicação em massa, destaca-se, ainda, pelo baixo custo de projeção na maioria das vezes (OLTRAMARI; LOPES; WANNMACHER, 2018). Para os autores, o cinema possui um grande potencial de reflexão e, consequentemente, de transformação.

Para Oltramari, Lopes e Wannmacher (2018), por atingir as massas, o cinema frequentemente está repleto de convenções sociais. No entanto, ele também apresenta seu lado crítico, permitindo ao telespectador experienciar, por algum tempo, problemas e dilemas humanos em um contexto cultural, social e temporal específico.

Justamente por ser uma representação da realidade, determinadas obras cinematográficas podem ser utilizadas para analisar uma sociedade. A análise fílmica se dá:

[...] por meio de um processo de compreensão, de (re)constituição e interpretação do filme. Ela se dá também na interlocução, entre espectador, analista do filme e por meio do próprio filme, que emana imagens, sons, movimentos e narrativas que descortinam a sociedade, as organizações e seus discursos. (Oltramari, Lopes e Wannmacher, 2018, p. 7)

Os autores entendem que além das competências técnicas, os estudantes de Administração devem ter uma formação rica e diversificada, de modo a torná-los sujeitos críticos, reflexivos e promotores de mudanças no cenário social.

Na utilização de recursos fílmicos em sala de aula, o primeiro passo é introduzir o filme com uma contextualização associada ao estágio atual da disciplina (ARAÚJO; REZENDE, 2012). O segundo passo envolve a apresentação do filme em sala, momento em que os alunos devem identificar elementos relacionados à matéria estudada (ARAÚJO; REZENDE, 2012). A terceira etapa, por sua vez, consiste na discussão do filme, de modo que o professor possa identificar os pontos levantados pelos alunos e apresentar seus próprios pontos de vista sobre as correlações existentes (ARAÚJO; REZENDE, 2012). Segundo os autores, essa metodologia possui natureza qualitativa e tem atraído cada vez mais pesquisadores.

O filme “Matrix”, de 1999, por exemplo, pode ser utilizado como ferramenta de aprendizagem em aulas das disciplinas de “Teoria das Organizações” e “Teoria da Administração”, podendo ser associado à própria Administração (ARAÚJO;

REZENDE, 2012). Na obra cinematográfica em questão, os indivíduos se veem inseridos em uma realidade que acreditam ser verdadeira, mas que é, na verdade, falsa, projetada virtualmente em suas mentes por uma inteligência artificial com potencial para dominar a humanidade (ARAÚJO; REZENDE, 2012). Nesse contexto, as pessoas são, a todo momento, manipuladas pelo sistema ideológico em que são introduzidas (ARAÚJO; REZENDE, 2012). Em uma perspectiva macro, entende-se que há uma organização ditando as regras, leis e estereótipos para o ecossistema (ARAÚJO; REZENDE, 2012).

O filme nacional “Que Horas Ela Volta?”, de 2015, por sua vez, possibilita a compreensão do contexto sócio-histórico pelo qual o país estava passando, permitindo uma melhor análise de tópicos importantes como as relações de trabalho doméstico e a estratificação social, por meio da análise fílmica da obra (SCHERDIEN; BORTOLINI; OLTRAMARI, 2018). Para os autores, o filme retrata o dia a dia de uma família de classe alta paulistana e metaforicamente a manutenção da desigualdade enraizada, que se tornou tão natural que passa despercebida no cotidiano, além de ilustrar como esse ciclo pode ser rompido a partir de uma tomada de consciência.

Portanto, entende-se que a análise fílmica possui um enorme potencial de desenvolvimento, reflexão e aprendizagem na área da Administração e dos Estudos Organizacionais. Ela deve ser utilizada na difusão de conhecimento relacionado a esses tópicos, configurando-se como um instrumento rico que instiga a formação do pensamento crítico social (SCHERDIEN; BORTOLINI; OLTRAMARI, 2018).

4. METODOLOGIA

Para atingir o objetivo principal de analisar as relações de trabalho neoliberais a partir da série de televisão “Ruptura”, o presente estudo utilizou uma abordagem de natureza qualitativa e exploratória. Conforme preconiza Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis quantificáveis.

A opção por essa modelagem justifica-se pela necessidade de compreender fenômenos complexos e subjetivos associados à gestão de pessoas e à captura da subjetividade no ambiente corporativo, elementos que não podem ser quantificados por métricas estatísticas tradicionais. O percurso metodológico estruturou-se a partir da convergência entre a Análise Temática, conforme sistematizada por Hecker e Kalpokas (2026), e a Pesquisa Narrativa, fundamentada nos constructos teóricos de Clandinin e Connelly (2011).

4.1. Análise Temática versus Análise Narrativa

De acordo com Hecker e Kalpokas (2026), a análise temática configura-se como um método versátil voltado para a identificação, análise e relato de padrões em um conjunto de dados. Por não estar vinculada a uma estrutura filosófica específica, a abordagem apresenta alta aplicabilidade em pesquisas qualitativas, concentrando-se na ocorrência e nas conexões entre conceitos. Sob essa ótica, o foco reside no que é representado, permitindo agregar dados de diversas fontes para destacar *insights* abrangentes que transcendem relatos individuais, fragmentando o texto para extrair e agrupar núcleos de significado comuns (HECKER; KALPOKAS, 2026).

Contudo, para evitar a fragmentação descontextualizada do objeto, essa técnica foi associada à abordagem de Clandinin e Connelly (2011), os quais defendem que a pesquisa narrativa visa compreender as experiências humanas a partir de histórias vividas e estruturadas. Esses autores propõem que o olhar sobre o objeto ocorra dentro de um espaço tridimensional, delimitado por três termos centrais:

- Interação: as dimensões pessoais e sociais que constituem as relações;
- Continuidade: a temporalidade que engloba o passado, o presente e o futuro (o enredo);
- Situação: o lugar ou o espaço físico e cultural onde a trama se desenvolve (o cenário).

Diante das especificidades do objeto de estudo e da necessidade de analisar as interações entre o ambiente organizacional burocrático e a mente do trabalhador, compreendeu-se que a utilização de uma abordagem híbrida seria ideal. Portanto, adotou-se a Análise Narrativa Temática. Essa escolha justifica-se porque o retrato do neoliberalismo não foi analisado de forma isolada ou abstrata. Em vez disso, investigou-se como esses temas se manifestam na estrutura da série Ruptura, por meio de seus cenários opressores, do desenrolar do enredo e da evolução psicológica dos personagens principais.

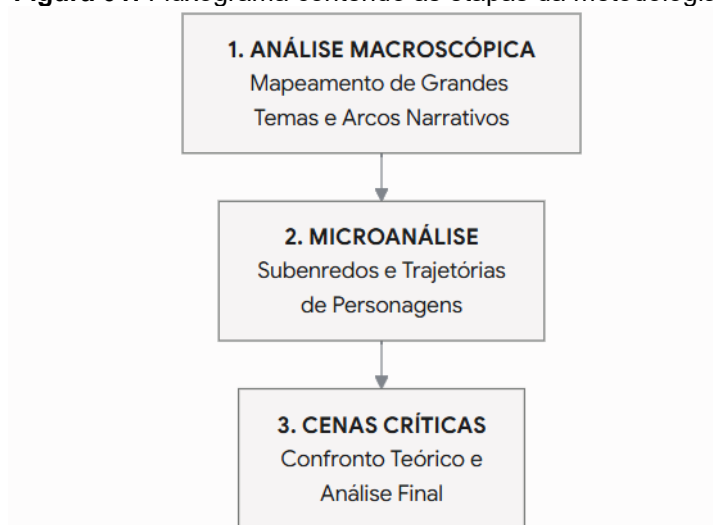
4.2. Procedimentos de Coleta e Análise

Após a definição do método, o trabalho de campo foi realizado por meio de etapas consecutivas, seguindo um processo de afunilamento que partiu da análise geral até chegar aos detalhes dos episódios.

Como instrumento inicial de coleta e registro de dados primários, utilizou-se um diário de campo. De acordo com Clandinin e Connelly (2011), a escrita de diários e as notas de campo funcionam como “textos de campo”, ferramentas essenciais que auxiliam o pesquisador a registrar as complexidades e nuances do objeto pesquisado e organizá-las com clareza. O procedimento consistiu na visualização ativa, repetida e sistemática dos episódios da obra audiovisual. Durante as sessões de observação, registraram-se no diário de pesquisa as impressões textuais imediatas, *insights* analíticos, padrões visuais, discursivos e comportamentais, além das dinâmicas de poder e controle estabelecidas na trama.

Em seguida, os registros do diário de campo foram submetidos ao processo de análise, estruturado em três etapas consecutivas:

Figura 01: Fluxograma contendo as etapas da metodologia.



Fonte: Autoria própria.

Fase 1 – Análise Macroscópica e Identificação de Grandes Temas: Realizou-se a comparação da narrativa em conjunto com as anotações do diário de campo. O objetivo nesta etapa foi mapear o cenário corporativo macro e o enredo principal, identificando as primeiras recorrências conceituais e os grandes temas sobre as dinâmicas de trabalho neoliberais que eram colocados em foco na obra.

Fase 2 – Microanálise e Caracterização dos Subenredos: A partir dos grandes temas validados na fase anterior, procedeu-se ao retorno a episódios específicos. O

foco analítico deslocou-se do plano geral para o individual, concentrando-se na caracterização dos subenredos dos personagens principais. Investigou-se como a trajetória, os conflitos e a fragmentação da subjetividade de cada personagem se materializavam e reagiam aos temas macro identificados no ambiente organizacional da série.

Fase 3 – Seleção de Cenas Críticas e Confronto Teórico: No nível máximo de especificidade do percurso, foram selecionadas três cenas chave da obra, adotando-se como critério de escolha o potencial de interface teórica de cada recorte. Essas três cenas foram isoladas e submetidas a um aprofundamento analítico, realizando-se o confronto direto entre os elementos empíricos extraídos do objeto e o referencial teórico que fundamenta esta pesquisa.

4.3. Declaração de uso de IA

Durante a elaboração deste trabalho, a autora utilizou o modelo de Inteligência Artificial Gemini, desenvolvido pela empresa Google, com o propósito de correção gramatical, pesquisa de material e estruturação de ideias. O conteúdo gerado foi integralmente revisado, validado e interpretado pela autora, que assume total responsabilidade pela originalidade, exatidão e integridade científica dos resultados apresentados.

5. ANÁLISE DE DADOS

5.1 Contextualização do objeto de estudo: A Série “Ruptura”

Figura 02: Setor das Indústrias Lumon.



Fonte: Mobdica, 2025.

A justificativa corporativa para o procedimento de ruptura baseia-se na maximização da produtividade, argumentando que a ausência de distrações pessoais no âmbito profissional permite uma dedicação integral às tarefas. Esta ideia, que promete um indivíduo mais eficiente e plenamente realizado, revela, contudo, uma demanda por uma dedicação que beira o fervor religioso, delineando um regime de controle corporativo que transcende as fronteiras do expediente. Portanto, a premissa da série é um campo fértil para debates acadêmicos, particularmente no que tange às implicações da cisão da identidade no contexto laboral e seus desdobramentos psicossociais. A trama dialoga com conceitos relevantes que são frequentemente alvos de discussão na atualidade, como a incessante busca por performance, a dissociação emocional e alienação no trabalho, a falta de equilíbrio e desumanização das práticas corporativas e o impacto na saúde mental e busca por propósito.

A estrutura de poder na Lumon se manifesta através da intervenção das figuras de autoridade, as quais não foram submetidas à ruptura e orquestram manipulações nas vidas pessoais dos funcionários. Harmony Cobel personifica esse controle, atuando como gerente do Andar Severo e supervisora direta de Mark Scout. Fora da empresa, Harmony é vizinha de Mark, sob o pseudônimo de Sra. Selvi, e ela utiliza de uma roupagem de senhora frágil e gentil para monitorar o funcionário.

Figura 03: Caracterização do personagem Harmony Cobel.



Fonte: Screen Rant, 2025.

No ambiente laboral da Lumon, Mark é designado como Mark S., estratégia que objetiva a preservação de sua identidade externa. No decorrer da série, é revelado que a adesão de Mark ao procedimento foi motivada por um trauma pessoal. Em sua trajetória na Lumon, ele foi promovido de Refinador Sênior a Supervisor do Departamento de Macrodados, após a saída abrupta de seu colega Petey. Posteriormente, Petey procura o “externo” de Mark a fim de informá-lo que desfez o procedimento de “ruptura”, expor a natureza manipuladora da Lumon e alertá-lo sobre os efeitos colaterais do procedimento, os quais podem levar o indivíduo à morte. Esse contato de Mark com seu ex colega de trabalho levanta dúvidas nele e o motiva a iniciar sua investigação.

Figura 04: Caracterização do personagem Mark Scout.



Fonte: Rolling Stone, 2025.

A contratação de Helly R. para preencher a vaga deixada por Mark após sua promoção, traz um forte elemento de dissidência. Desde sua introdução na organização, Helly demonstra uma intensa insatisfação com a ruptura e questiona a natureza de suas funções. Uma cena emblemática a retrata durante o treinamento da nova funcionária para o refinamento de macrodados, uma tarefa que envolve a categorização de vastos volumes de dados numéricos com base em padrões emocionais, o que sugere um possível treinamento de algoritmos de aprendizado de máquina. A falta de compreensão sobre o propósito de suas atividades, compartilhada pelos demais membros do setor, corrobora uma discussão contemporânea crucial no campo das ciências sociais: a necessidade intrínseca do trabalho possuir significado para o trabalhador.

Figura 05: Caracterização da personagem Helly R.



Fonte: The Mom Edit, 2025.

Este aspecto da série está relacionado a teorias sobre a alienação do trabalho, as quais afirmam que a fragmentação do processo produtivo e a ausência de propósito claro podem levar à desumanização do indivíduo.

A insatisfação profunda leva Helly a pedir demissão da Lumon. Contudo, ao ser comunicada a respeito desta situação, a “externa” de Helly grava um vídeo, recusando o pedido da “interna”, o que suspende o processo de desligamento da empresa.

Além de Helly, o setor de refinamento de macrodados é composto por Dylan G. e Irving B.. A exploração das trajetórias desses personagens no universo distópico

da Lumon permite examinar as complexas intersecções entre identidade, memória, controle corporativo e a busca por significado na experiência laboral.

Em uma entrevista concedida à revista *Veja* em 2025, o criador da série, revelou a inspiração por trás de sua obra. Erickson narrou que, no ano de 2012, enquanto gerenciava uma fábrica de peças para portas em Los Angeles, Califórnia, experimentava uma rotina de trabalho profundamente tediosa. Frequentemente ele desejava “desligar-se” do ambiente profissional e “acordar magicamente” somente após o término do expediente. Foi a partir dessa vivência pessoal de alienação e anseio por uma desconexão entre a vida profissional e a pessoal que Erickson concebeu a premissa central de “Ruptura”.

5.2 Notas sobre a série na mídia: reflexo do mercado de trabalho atual?

O impacto de *Ruptura* foi tão grande que saiu da ficção e virou tema de debate em várias matérias de jornais e revistas de negócios, que viram na série um espelho real das doenças do trabalho contemporâneo. A revista *Forbes*, por exemplo, publicou uma matéria destacando que a série serve como um alerta para quem foca a vida inteira apenas na carreira. A análise da matéria aponta que separar a vida do trabalho desse jeito radical acaba gerando uma desmotivação profunda, porque quando tiramos a história, os laços sociais e o repertório de uma pessoa, o trabalho perde o sentido humano e vira um vazio (SPENCER-TAYLOR, 2025).

Portais voltados para o mundo corporativo e jurídico, como o *síte* Migalhas, também fizeram *posts* relacionando a rotina da Lumon com a Síndrome de Burnout. O texto ressalta que o trabalhador moderno muitas vezes funciona no piloto automático, igual aos personagens presos no elevador, mascarando a exaustão profunda por trás de metas batidas no home office ou no teletrabalho (LANTYER, 2022).

Já em portais de crítica social, como a revista *Jacobin*, a série foi classificada como o suspense perfeito para entender o fenômeno da “Grande Renúncia” (quando milhares de trabalhadores pediram demissão pós-pandemia). A crítica salienta que a Lumon faz o que muitas empresas reais praticam hoje, o “falso bem-estar”, trocando direitos trabalhistas reais por confraternizações, rituais infantis (como a dança dos waffles na série) e discursos motivacionais que escondem o assédio moral (JONES, 2022).

A seguir, foi realizada a análise de como o desenho dos personagens e a composição visual do cenário da *Lumon Industries* sintetizam a captura da subjetividade neoliberal.

5.3 O Cenário como Dispositivo de Controle

A arquitetura do Andar Severo é um elemento visual fundamental para a compreensão da dinâmica de poder.

Figura 06: Estética do escritório do RMD e funcionários do Departamento.



Fonte: Apple TV.

Conforme pode ser observado na **Figura 5**, o escritório do macrorefinamento de dados (RMD) é caracterizado por um vazio exacerbado: teto baixo com luzes fluorescentes simétricas, paredes brancas desprovidas de estímulos e um carpete verde-pálido. Visualmente, esse *layout* elimina qualquer ponto de fuga ou referência ao mundo exterior, forçando a subjetividade do trabalhador a se concentrar estritamente na tela do computador. É a espacialização da "empresa enxuta" e isolada.

Essa eliminação de referências externas e a rigidez do *layout* resgatam diretamente a racionalização e a padronização oriundas do Taylorismo, onde o espaço de trabalho serve estritamente para a busca pela eficiência do tempo. No entanto, a série leva essa dinâmica para um nível ainda mais extremo. O carpete

verde-pálido e o isolamento não visam apenas a docilidade do corpo físico do funcionário na linha de produção, mas operam para isolar completamente a consciência do trabalhador de qualquer realidade externa, impedindo a criação de vínculos com o mundo fora da empresa.

5.4 Subenredos dos Personagens

5.4.1 Mark Scout (Mark S.) - Interpretado por Adam Scott

Figura 07: Mark Scout no elevador da Lumon.



Fonte: Apple TV.

Fora da Lumon, Mark recorre à ruptura como uma tecnologia de anestesia social para escapar da dor da perda de sua esposa. A empresa oferece o esquecimento temporário em troca da cessão total do cérebro do trabalhador para o labor. Visualmente, a transição de Mark no elevador representa o paradoxo do "operador de performance" alegre e confiante que só existe através do apagamento de sua própria história.

De acordo com Safatle, Silva Junior e Dunker (2022), o neoliberalismo transfere os conflitos do campo social para o psíquico, fazendo com que o sujeito passe a gerenciar a si mesmo como se fosse uma empresa. Dá para ver isso claramente no Mark, levando em consideração que a divisão da sua mente funciona como uma ferramenta de auto-otimização. Para se manter produtivo e evitar um colapso, ele

transforma o luto em um problema de gestão pessoal. Com isso, ele isola seu trauma e cria uma persona totalmente funcional, focada apenas em cumprir as metas da corporação.

5.4.2 Helly R. - Interpretada por Britt Lower

Figura 08: Helly R. durante tentativa de fuga.



Fonte: Apple TV.

Desde sua introdução, Helly R. encarna a recusa à captura de sua subjetividade. Ao ter seus dados vitais e memórias afetivas roubados na primeira cena, ela se depara com a alienação radical.

O subenredo de Helly atinge o ápice na dinâmica com sua persona externa, que recusa seu pedido de demissão através de um vídeo. No quarto episódio da primeira temporada, aos 22 minutos e 15 segundos, a frase proferida pela Helly externa — *"Eu sou uma pessoa, você não é"* — sintetiza a violência da cisão: o sujeito neoliberal externalizado se torna o próprio carrasco de sua força de trabalho interna.

O esforço de Mark em pedir permissão à Cobel para levar a equipe do RMD à Ala de Perpetuidade, na tentativa de fazer Helly sentir pertencimento e se adequar à cultura da organização, ilustra como a mística corporativa é utilizada para tentar mascarar a alienação. Mesmo diante do passeio, Helly tenta fugir novamente, o que demonstra a falha dos discursos modernos de integração quando o trabalho carece de sentido real.

Como resposta a essa insubordinação, a gerência conduz a funcionária até a "Sala de Descanso", forçando-a a ler repetidamente a frase de retratação: "perdoe-

me pelo mal que causei a esse mundo. Só eu respondo pelos meus atos, e só a mim eles devem macular. Estou grata por ter sido pega, minha queda foi interrompida pelos de mãos enrugadas. Só posso lamentar muito e lamento mesmo”. Essa dinâmica cruel corrobora as teses de Flach et al. (2009) sobre a banalização do estresse e do sofrimento no ambiente de trabalho. Ao exigir que a trabalhadora repita o texto exaustivamente até que sua fala “soe sincera”, a Lumon não apenas desconsidera a violência de sua própria estrutura, mas transfere a responsabilidade e a culpa pelo conflito unicamente para o indivíduo. Essa imposição funciona como uma estratégia de controle psicológico e emocional descrita por Safatle, Silva Junior e Dunker (2022), operando um mecanismo de coerção e assédio moral que visa quebrar a resistência da subjetividade do trabalhador, obrigando-o a internalizar uma falsa culpa para manter os padrões de docilidade e performance exigidos pelo sistema.

5.4.3 Harmony Cobel (Sra. Selvig) - Interpretada por Patricia Arquette

Figura 09: Harmony Cobel dentro da Lumon.



Fonte: Apple TV.

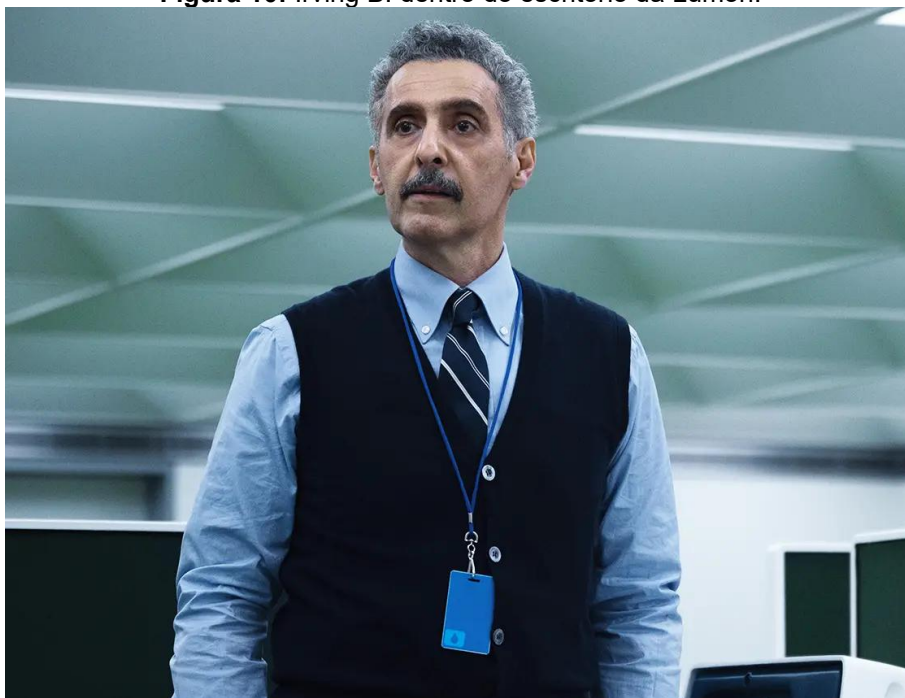
Cobel personifica o controle corporativo totalitário que ultrapassa as fronteiras entre o tempo de trabalho e o tempo de vida. Ao transmutar-se na vizinha excêntrica, a Sra. Selvig, para monitorar a vida doméstica de Mark e invadir sua residência, a personagem demonstra empiricamente que, na lógica neoliberal, não existe refúgio ou exterioridade ao mercado. Essa dinâmica traduz com precisão o que David Harvey

(2013) discute sobre a regulação fordista da vida cotidiana, evidenciando que o controle do empregador ultrapassa os muros da empresa para garantir a submissão e a produtividade contínua do indivíduo.

Além disso, ao invadir a casa de Mark e monitorar seus hábitos familiares, a Cobel prova empiricamente o que Ricardo Antunes (2009) e Safatle, Silva Junior e Dunker (2022) alertam, que no neoliberalismo, as barreiras entre a vida doméstica e o trabalho simplesmente deixam de existir, gerando um isolamento e uma solidão que são as principais causas do sofrimento psíquico atual.

5.4.4 Irving B. - Interpretado por John Turturro

Figura 10: Irving B. dentro do escritório da Lumon.



Fonte: Apple TV.

Irving trata os manuais e a Ala de Perpetuidade de Kier Eagan com fervor religioso. A mística corporativa é usada para preencher a total ausência de sentido real da atividade laboral. Esse personagem representa o trabalhador cuja subjetividade foi capturada pela moral e mística da organização.

O apego extremo do Irving ao manual da Lumon e às regras do fundador, Kier Eagan lembra muito o que Alves (2008) fala sobre o Toyotismo. Esse modelo não quer só a força física do trabalhador, como acontecia no Fordismo. O Toyotismo vai

além e exige um envolvimento emocional, o amor pela marca e um consentimento total de quem está trabalhando.

A dinâmica desse personagem muda completamente quando Burt Goodman (interpretado por Christopher Walken), supervisor do departamento de Óptica e *Design* com quem ele estava se envolvendo afetivamente, é aposentado de surpresa pela gerência. Sabendo que o Burt não voltaria mais e que eles nunca mais se veriam ali dentro, a captura ideológica da Lumon falha. O sofrimento do isolamento, que antes ele aceitava e transformava em dedicação cega, vira indignação. É esse choque de realidade que faz o Irving quebrar o seu “consentimento” com a produção e se juntar ao time do RMD para questionar a empresa e questionar o que de fato faziam lá, transformando uma devoção alienada em revolta contra o sistema.

5.4.5 Dylan G. - Interpretado por Zach Cherry

Figura 11: Dylan dentro do escritório da Lumon.



Fonte: Apple TV.

Dylan canaliza sua energia psíquica na busca por metas para obter pequenos prêmios infantis (como as algemas de dedo), evidenciando como a lógica da concorrência e o desejo de reconhecimento engajam o trabalhador em sua própria exploração. Esse personagem ilustra a captura por meio do sistema de recompensas superficiais e individualistas.

Essa busca por micro-recompensas conversa com o que Quintaneiro, Barbosa e Oliveira (2002) e Gramsci (2007) discutem sobre a alienação. O Dylan está totalmente alienado do resultado real do seu trabalho, já que ele nem sabe o que

aqueles números na tela significam. Mesmo assim, ele gasta toda a sua energia para alcançar as metas da organização.

O ponto de virada de Dylan ocorre quando ele descobre, através do protocolo “despertar de contingência”, que tem um filho no mundo exterior. Nesse momento, a captura da sua subjetividade falha e o afeto familiar quebra a lógica da mercadoria. A angústia descrita por Galhardo (2020) se ressignifica, fazendo com que ele perceba o tamanho do assédio e da privação de sua vida. O personagem, que antes representava o trabalhador ideal focado em resultados individuais, quebra essa lógica ao compartilhar sua experiência externa com o resto da equipe. Nesse ponto, Dylan assume o papel de tentar conscientizar os colegas sobre a exploração que sofrem. Esse movimento de “abrir os olhos” dos outros é fundamental, pois transforma uma percepção individual em uma revolta coletiva dentro do departamento.

5.5. SELEÇÃO E ANÁLISE DE CENAS EMBLEMÁTICAS

Foram selecionadas três cenas cruciais que traduzem visual e teoricamente os conceitos da sociedade do desempenho, das relações de trabalho desumanizadas e da exaustão psíquica extrema.

5.5.1 Cena 1: A Sociedade do Desempenho e a Captura do Sentido (A Domesticação dos Números)

Figura 12: Helly R. dentro do escritório da Lumon.



Fonte: Apple TV.

Helly realiza o treinamento de refinamento de macrodados (RMD). Inicialmente, ela questiona o sentido de organizar números abstratos que geram sensações emocionais (como medo e assombro) em cestas digitais. Contudo, após pressões da gerência, ela começa a “sentir” os números e executa a tarefa com precisão.

Esta cena é a representação literal da sociedade do desempenho descrita por Han (2017) e correlacionada ao modelo neoliberal. O trabalho perdeu qualquer dimensão de utilidade real (*trabalho* em Arendt) ou contribuição social (Morin). Na atividade de refinamento de dados, o trabalhador é induzido a policiar seus próprios sentimentos e reações emocionais. Esse automonitoramento constante funciona como uma estratégia para alcançar as metas de produtividade da Lumon, transformando o afeto em uma ferramenta de desempenho corporativo

A interface obsoleta e monocromática dos computadores da Lumon foca unicamente nos dados numéricos. O enquadramento fechado no rosto de Helly fita a tela até que seus olhos demonstrem o estímulo estético exigido pela máquina. A captura da subjetividade se consolida quando o trabalhador passa a normalizar e extrair um falso sentido de uma atividade puramente vazia e alienante.

Ao instruir os funcionários de RMD a refinar dados a partir de sensações emocionais e intuições puras, a Lumon deixa de lado o controle físico tradicional e entra na lógica do Toyotismo discutido por Alves (2008). Como o autor aponta, o capitalismo nessa fase exige uma forma muito mais desenvolvida de “captura” da subjetividade da força de trabalho. Na série, isso se torna literal, já que a empresa não quer apenas que o trabalhador aperte parafusos como na esteira de montagem

alienada de Gramsci (2007), ela quer capturar e instrumentalizar os seus sentimentos para otimizar os marcadores de performance da organização.

5.5.2 Cena 2: As Relações de Trabalho e a Desumanização do Sujeito (O Encontro com Cobel no Episódio 6)

Figura 13: Mark S. e Harmony Cobel dentro do escritório da Lumon.



Fonte: Apple TV.

Mark questiona a Sra. Harmony Cobel sobre qual é a real função do departamento e o que eles fazem na Lumon. Cobel reage com violência verbal, proferindo aos 20 minutos e 15 segundos do sexto episódio da primeira temporada: *“Servimos ao Kier, bebezão! [...] volte a sentar a bunda na cadeira e fique lá até receber ordens para sair!”*.

Esta cena evidencia a fratura das relações de trabalho contemporâneas sob o neoliberalismo e a falsidade dos discursos modernos de “Gestão de Pessoas” focados em autonomia. Diante da menor faísca de questionamento político ou busca por sentido, a roupagem flexível toyotista desmorona, revelando o despotismo industrial clássico e o assédio moral como ferramentas explícitas de coerção para a manutenção do acúmulo de capital. A empresa atua para despolitizar os sujeitos e impedir que se articulem como portadores de conflitos estruturais.

O enquadramento utiliza o plano contra-plano para acentuar a disparidade de poder. Cobel é filmada ligeiramente de baixo para cima, ampliando sua figura de

autoridade e ameaça, enquanto Mark permanece estático. A linguagem agressiva desumaniza o trabalhador ao tratá-lo como um “bebezão” incapaz de gerir a própria consciência laboral.

A reação violenta de Cobel ao mandar Mark calar a boca e voltar a sentar na cadeira corrobora a tese de Galhardo (2020) sobre o assédio moral utilizado para garantir as exigências corporativas a qualquer custo. A agressividade da liderança serve para despolitizar a conduta do funcionário, forçando o indivíduo a se manter apenas como um operador de performance isolado, impedindo-o de contestar a estrutura da corporação.

5.5.3 Cena 3: A Exaustão Psíquica e o Ponto Crítico da Captura (A Tentativa de Suicídio no Elevador)

Figura 14: Helly R. entrando no elevador antes de tentar cometer suicídio.



Fonte: Apple TV.

Como desdobramento radical da recusa de seu pedido de demissão, Helly R. utiliza uma corda e uma lata de lixo para tentar se enforcar no interior do elevador da Lumon. A tentativa ocorre ironicamente em um período onde ela aparentava estar se adaptando às rotinas produtivas.

Essa cena traduz de forma extrema os impactos psicossociais e a exaustão psíquica discutidos no referencial teórico. Sob o neoliberalismo, o sofrimento é individualizado e privatizado, de forma que o trabalhador, encurralado pela falta de garantias e pela ausência de saídas sistêmicas, direciona a violência da exploração contra o seu próprio corpo físico. O fato de Helly tentar o suicídio justamente quando simulava uma boa adaptação corrobora a tese de que a exaustão psíquica

contemporânea (como o *burnout* e a depressão profunda) é silenciosa e mascarada por performances de normalidade laborais exigidas pelo sistema.

O espaço claustrofóbico e metálico do elevador converte-se em uma verdadeira armadilha para o trabalhador. O movimento de subida e descida da cabine, que teoricamente deveria representar uma transição saudável entre as esferas pública e privada, torna-se o cenário de um paradoxo violento. Para que o *innie* se liberte da jornada de trabalho, ele é obrigado a ceder o controle do seu próprio corpo à sua versão externa, que ignora completamente o seu sofrimento. A iluminação fria e o som mecânico do elevador funcionam, portanto, como elementos estéticos que amplificam o desamparo e a solidão absoluta do sujeito inserido na engrenagem corporativa, ilustrando de forma material a violência psicológica gerada por essa compartimentação radical.

A revolta de Helly em não aceitar o isolamento na empresa e o cansaço extremo que a leva a tentar o suicídio dialogam diretamente com o que Ricardo Antunes (2009, 2023) e Souza (2023) discutem sobre o trabalho atual, no qual o sujeito entra em uma concorrência absurda consigo mesmo. No caso de Helly, essa pressão é tão internalizada que sua versão externa ignora os pedidos de socorro da versão interna. Esse cenário culmina no que Safatle, Silva Junior e Dunker (2022) chamam de ‘empuxo ao excesso’, em que a busca por desempenho mascara os sinais de colapso iminente sob uma máscara de conformidade corporativa.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa propôs-se a analisar como os processos de captura da subjetividade do trabalhador no contexto neoliberal são representados na série “Ruptura”. Ao tomar a obra de ficção científica como um espelho exacerbado da realidade organizacional, foi possível constatar que a dinâmica do Andar Severo da *Lumon Industries* não se distancia das tendências gerenciais contemporâneas, e sim as radicaliza. A análise fílmica permitiu compreender que os mecanismos de controle corporativo deixaram de se limitar à vigilância do corpo e do tempo, características do modelo fordista tradicional, para colonizar as dimensões psíquicas, emocionais e identitárias dos indivíduos. Dessa forma, o objetivo geral deste estudo foi plenamente respondido ao evidenciar que a série destaca a essência do projeto neoliberal, que consiste na transformação do trabalhador em um “capital humano” integralmente moldado para a performance e desprovido de esferas de escape.

No que tange ao primeiro objetivo específico, voltado a identificar as representações das relações de trabalho contemporâneas, a narrativa audiovisual expõe a face mais crua da flexibilização e da precarização sob o manto da modernidade. A *Lumon* simula um ambiente de trabalho estéril, repleto de benefícios infantis e rituais de engajamento que, na realidade, servem para mascarar uma estrutura profundamente coercitiva. As relações laborais ali desenhadas são pautadas pelo isolamento e pela competição velada, onde as métricas de refinamento de dados operam de forma abstrata, destituindo o trabalho de qualquer valor social ou sentido concreto. Representa-se, assim, a transição para um modelo em que o trabalhador é despojado de suas redes de solidariedade coletiva, restando-lhe apenas a submissão a metas incompreensíveis e a constante ameaça da punição psicológica.

O segundo e o quarto objetivos específicos, que tratam da ilustração do conceito de captura da subjetividade e dos paralelos com as teorias da sociedade do desempenho e exaustão psíquica, encontraram sustentação empírica em cenas emblemáticas como a da “Sala de Descanso”. A exigência de que a funcionária Helly repetisse exaustivamente um texto de retratação até que este “soasse sincero” demonstra que a corporação não se satisfaz apenas com a obediência comportamental, ela almeja a conversão moral do sujeito. Esse processo corrobora as teses sobre a violência psicopolítica do neoliberalismo, no qual o trabalhador é

induzido a internalizar uma falsa culpa pelo seu próprio sofrimento ou insubordinação. Ao transformar resistências legítimas em “falhas de performance” individuais, a gestão neutraliza o conflito estrutural e empurra o indivíduo para a exaustão psíquica, operando uma captura que fragmenta sua capacidade de contestação e o obriga a performar uma docilidade artificial.

No que diz respeito ao terceiro objetivo específico, a análise apontou que a divisão radical entre o espaço de trabalho e a vida privada, operada por meio do procedimento da ruptura, gera graves impactos psicossociais. O paradoxo central dessa dinâmica reside no fato de que a tentativa de separar essas esferas acaba aprisionando o sujeito em uma realidade fragmentada. A promessa corporativa de um equilíbrio perfeito, em que as angústias da vida externa não interferem no expediente e os traumas do trabalho não contaminam a vida doméstica, mostra-se uma ilusão. Na prática, a transição alienante promovida pelo elevador condena a versão interna a um confinamento perpétuo e sem memória, gerando um profundo sentimento de solidão, desamparo e adoecimento mental. Longe de proteger o indivíduo, a cisão serve como o dispositivo máximo de dominação, permitindo que a empresa explore a força de trabalho ao limite sem precisar lidar com os resquícios sociais, familiares e afetivos que constituem o ser humano.

Ao transferir as conclusões da análise fílmica para a realidade do trabalho contemporâneo, percebe-se que a tecnologia da 'ruptura' funciona como uma metáfora perfeita para os arranjos laborais da atualidade. Se na série a separação é cirúrgica, no cotidiano das organizações sob o regime da acumulação flexível essa divisão é operada por vias digitais e ideológicas. Ferramentas de comunicação instantânea, metas corporativas que ocupam o tempo de descanso e a cobrança por uma disponibilidade integral dissolveram por completo as fronteiras entre o espaço do escritório e o ambiente doméstico. O trabalhador moderno, frequentemente colocado na posição de “empreendedor de si mesmo”, vive sob a exigência de uma vigilância invisível e internalizada, que simula o controle totalitário da Lumon. Dessa forma, os fenômenos de esgotamento e sofrimento laboral intensificados pela uberização e pela falta de limites no teletrabalho encontram um paralelo direto no desespero silencioso encenado nos corredores do Andar Severo.

Por fim, o percurso dos personagens, que transitam de uma alienação conformista para uma revolta coletiva organizada, oferece uma chave de leitura indispensável para pensarmos as possibilidades de resistência na atualidade. Assim

como Irving precisou ver ruir a mística dos manuais fundacionais da empresa diante da perda de seu vínculo afetivo, a classe trabalhadora contemporânea depara-se com os limites do discurso da “gestão humanizada” frente ao avanço do adoecimento laboral e do assédio moral institucionalizado. A resolução apresentada pela narrativa fílmica rejeita a conciliação individualizada, apontando para a necessidade de organização interna e de superação do isolamento imposto pelas lideranças da empresa. Desse modo, a presente pesquisa contribui para os estudos organizacionais ao evidenciar a fragilidade das narrativas de harmonia no capitalismo contemporâneo, enfatizando que a emancipação do trabalhador e o combate ao esgotamento psíquico passam, inevitavelmente, pela retomada da solidariedade coletiva diante dos mecanismos de controle gerencial.

REFERÊNCIAS

ALVES, Giovanni. Dimensões da reestruturação produtiva do capital. In: **O público e o privado**, n. 11, p. 10-11, jan./jun. 2008.

ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2009.

BLOCH, Marc. **A Sociedade Feudal**. Lisboa: Edições 70, 1987.

CASEMIRO, Poliana. **Crise de saúde mental**: Brasil tem maior número de afastamentos por ansiedade e depressão em 10 anos. **G1**, [S. l.], 10 mar. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/trabalho-e-carreira/noticia/2025/03/10/crise-de-saude-mental-brasil-tem-maior-numero-de-afastamentos-por-ansiedade-e-depressao-em-10-anos.ghtml>. Acesso em: 20 jun. 2025.

CAVAZOTTE, Flávia de Souza Costa Neves; LEMOS, Ana Heloisa da Costa Lemos; VIANA, Mila Desouzart de Aquino. Novas Tecnologias, Velhas Questões: os Limites entre Trabalho e Vida Pessoal na Percepção de Profissionais Conectados. In: ENCONTRO DA ANPAD, 34., 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2010. p. 1-16. Disponível em: https://arquivo.anpad.org.br/diversos/down_zips/53/gpr1274.pdf. Acesso em: 13 jun. 2025.

CORBANEZI, Elton. **Saúde mental, neoliberalismo e subjetividade**. A Terra é Redonda, [S.l.], 29 jan. 2025. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/saude-mental-neoliberalismo-e-subjetividade/>. Acesso em: 9 jul. 2025.

DUBY, Georges. **As três ordens**: ou o imaginário do feudalismo. Lisboa: Estampa, 1980.

DUBY, Georges. **Economia Rural e Vida no Campo no Ocidente Medieval**. Lisboa: Edições 70, 1987.

DUBY, Georges. **Guerreiros e Camponeses**: o primeiro surto da economia europeia (séculos VII-XII). Lisboa: Edições 70, 1980.

DUTRA, Fabiana Caetano Martins Silva e; COSTA, Letícia Cardoso; SAMPAIO, Rosana Ferreira. **A influência do afastamento do trabalho na percepção de saúde e qualidade de vida de indivíduos adultos**. Fisioterapia & Pesquisa, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 98-104, jan./mar. 2016.

GALHARDO, Priscila Bonato. **Subjetividade e saúde mental nos modelos flexíveis de trabalho**. Brazilian Journal of Development, Curitiba, v. 6, n. 10, p. 83786-83797, out. 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/19154/15381>. Acesso em: 18 jun. 2025.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. v. 3: Maquiavel, Notas sobre o Estado e a política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

HECKER, Jörg; KALPOKAS, Neringa. **Thematic Analysis vs. Narrative Analysis**. ATLAS.ti, 2026. Disponível em: <https://atlasti.com/guides/thematic-analysis/thematic-analysis-vs-narrative-analysis>. Acesso em: 13 jun. 2026.

HOBBSAWM, Eric J. **A Era das Revoluções: 1789-1848**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

JONES, Eileen. **Severance Is the Perfect Thriller for the Great Resignation of Our Era**. Jacobin, 24 fev. 2022. Disponível em: <https://jacobin.com/2022/02/job-time-workplace-apple-tv-adam-scott>. Acesso em: 9 jun. 2026.

LANTYER, Victor Habib. **A série Ruptura e o bem-estar no ambiente de trabalho**. Migalhas, 2 jun. 2022. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/depeso/367235/a-serie-ruptura-e-o-bem-estar-no-ambiente-de-trabalho>. Acesso em: 9 jun. 2026.

LE GOFF, Jacques. **A Civilização do Ocidente Medieval**. Lisboa: Editorial Estampa, 1984.

LÖSCH, S.; RAMBO, C. A.; FERREIRA, J. L. **Análise de conteúdo na perspectiva de Bardin: contribuições e limitações para a pesquisa qualitativa em educação**. Educação em Revista, [S.l.], v. 39, n. 1, p. 201-223, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/hhywJFvh7ysP5rGPn3QRFWf/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

MARIANI, Fábio; MATTOS, Magda. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa** [Resenha de: CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011. 250 p.]. Revista de Educação Pública, Cuiabá, v. 21, n. 47, p. 663-667, set./dez. 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MORIN, Estelle M. Os sentidos do trabalho. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 8-21, jul./set. 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/w9w7NvLzpqcXcjFkCZ3XVMj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 fev. 2025.

OLTRAMARI, Andrea Poletto; LOPES, Fernanda Tarabal; WANNMACHER, Eduardo. "Uma câmera na mão e uma ideia na cabeça": o cinema e suas possibilidades na formação em Administração. **FAROL: Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 5, n. 14, p. 954-988, dez. 2018.

REZENDE, J. F. D.; ARAÚJO, M. A. D. Uso do filme Matrix para o ensino da administração. **HOLOS**, Natal, v. 4, p. 216-225, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=481549278017>. Acesso em: 9 jul. 2025.

ROCHA, Lucas. Cerca de 15% dos trabalhadores no mundo possuem transtornos mentais, diz OMS. **CNN Brasil**, São Paulo, 28 set. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/cerca-de-15-dos-trabalhadores-no-mundo-possuem-transtornos-mentais-diz-oms/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian. **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. 1. ed. São Paulo: Autêntica, 2021. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 30 jun. 2025.

SOUZA, Matheus Silveira de. **Subjetividade neoliberal e precarização do trabalho**. [S. l.], 26 abr. 2023. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/628166-subjetividade-neoliberal-e-precarizacao-do-trabalho>. Acesso em: 15 jun. 2025.

SPENCER-TAYLOR, John. **Forget Work-Life Balance** — Whole Human Work Is The Future. Forbes, 28 maio 2025. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/forbesbooksauthors/2025/05/28/forget-work-life-balance-whole-human-work-is-the-future/>. Acesso em: 9 jun. 2026.

TRIBUNAL REGIONAL DO TRABALHO DA 4ª REGIÃO (RS). **Gerenciamento de riscos psicossociais no trabalho será obrigatório a partir de maio de 2026**. Porto Alegre: TRT4, 2024. Disponível em: <https://www.trt4.jus.br/portais/trt4/modulos/noticias/50974782>. Acesso em: 15 jun. 2025.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Mental health at work**. Genebra: WHO, 2022. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/mental-health-at-work>. Acesso em: 15 jun. 2025.